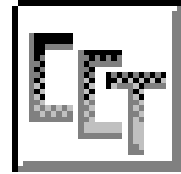

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU



O QUE É UMA REVISTA CIENTÍFICA?

Mesa redonda realizada por ocasião das reuniões

“Ciência ao Cair da Tarde” de 03 e 19/04/96



Organização: Equipe editorial de Integração e Coordenação do
Curso de Comunicação Social da USJT

II — A REVISTA CIENTÍFICA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

*Raul Fonseca Silva*¹

Praticamente, eu vou dar seqüência ao que o Pedro colocou.

Se analisarmos meios de comunicação como a televisão, que é um meio hoje basicamente majoritário em termos de audiência do grande público, observaremos que ele tem características muito dispersivas, e não tem uma credibilidade tão grande quanto o meio impresso. Com o rádio dá-se a mesma coisa: ele oferece uma possibilidade de cobertura geográfica muito grande, mas seria mais ou menos inadequada fazer uma discussão científica nele, como, por exemplo, a comprovação feita por algum tipo de expressão matemática, ou física, etc., porque é impossível passar-se isso pelo rádio. É um meio de comunicação, também, normalmente consumido com uma série de outras atividades que a pessoa exerce diariamente. Costumamos ouvir rádio dentro do carro, dirigindo, ou ouvimos rádio fazendo algum tipo de atividade de casa, diária, ou até ouvimos rádio estudando. Então, é um meio de comunicação inadequado para expressar qualquer tipo de especulação ou manifestação mais séria, mais racional.

O meio impresso traz, historicamente, uma característica que reforça bastante a sua credibilidade. Todo o tipo de documento oficial ou legal produzido sempre foi feito na forma impressa, sempre foi feito de maneira escrita. Então, essa credibilidade passou para o meio impresso também, ou seja, o meio impresso chegou a ser aquele que consegue passar a maior credibilidade. As pessoas acreditam muito mais no meio impresso do que em qualquer outro tipo de meio. É claro que como meio de comunicação mais ou menos lógico para a manifestação científica, o meio impresso seria o mais adequado. A questão que se coloca, então, é em relação ao tipo de

manifestação, que é mais ou menos a base da discussão desta mesa, em relação ao que seria uma publicação realmente científica. Coloca-se, também, a questão da crítica da revista *Integração*.

A revista tem a característica de ser um meio bastante seletivo em relação ao público que consome, que tem o hábito de leitura de revistas. E, normalmente, a revista é consumida pelas camadas de maior poder aquisitivo, de melhor formação cultural no país. Então, a revista se presta para um tipo de publicação muito mais erudita, de base cultural muito mais elevada e, evidentemente, como uma forma de expressão que leva a um pensamento, a uma análise, muito mais racional.

Dentre as revistas publicadas no país, e que trazem artigos científicos, podemos analisar, por exemplo, aquelas publicadas pela SBPC, a Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Ciência. São revistas que, normalmente, se transformam em tribunas nas quais se expressam pesquisas e desenvolvimentos de atividades científicas revelados em outras revistas. São revistas basicamente informativas, revistas que trazem informações atualizadas do desenvolvimento da pesquisa e da atividade científica. A revista *Integração* é uma revista no início de sua atividade. Ela ainda não revela uma atividade de pesquisa constante e sistematizada dentro da instituição. Provavelmente, com o desenvolvimento desse trabalho, ela passará a ser uma tribuna, a transformar-se num meio de divulgação desse trabalho. Ela hoje tem uma característica multidisciplinar, uma característica voltada para a integração entre as diversas áreas, mas muito em função de que não existe ainda, sistematizada, uma produção científica dentro da instituição. Parece-me que a idéia de revista científica, pelo menos vista de uma maneira um pouco genérica, sem nos aprofundarmos em demasia nos diversos tipos existentes, deve estar relacionada a essa característica de ser basicamente transmissora de informação voltada para o desenvolvimento de uma pesquisa, de uma atividade científica qualquer. A revista abre a possibilidade à consulta desse tipo de trabalho, desse tipo de manifestação, o que vai trazer conseqüências para o desenvolvimento do trabalho científico nessa área. Ou seja, eu divulgo, como o Pedro colocou, o início de um trabalho científico, uma especulação, uma inquietação qualquer em determinada área, às vezes mesmo só em

¹ Mestre em Comunicação Social pela Faculdade Metodista em “Ensino de Propaganda e Comunicação Mercadológica”, Chefe do Depto de Ciências e Técnicas da Comunicação da USJT, Professor no curso de Comunicação da USJT e membro do Conselho Científico da revista *Integração*.

nível de especulação, para que esse trabalho tenha continuidade em outros setores, talvez distantes daquele centro onde essa manifestação teve início, e para que outras pessoas, preocupadas com o mesmo assunto, passem a desenvolvê-lo baseadas nessas informações. Elas servem como ponte do desenvolvimento de determinadas especulações, ou determinadas pesquisas, e que têm a finalidade de desenvolver isso ao máximo possível, e de servir sempre como fonte de consulta para o desenvolvimento científico.

Nós não temos essa tradição aqui na universidade e, sequer, no Brasil. Eu acho que a universidade ainda está muito voltada para o *status*, o título universitário, a posição social, e menos voltada para a pesquisa, para o trabalho de desenvolvimento de novas tecnologias, da produção de conhecimento, que possa realmente ser utilizado em nível de desenvolvimento do progresso do próprio país e da ciência, do conhecimento e da tecnologia que vá ter uma finalidade de servir a população como um todo. Eu acho que à medida que essa atividade for se desenvolvendo dentro da universidade e for se desenvolvendo dentro do Centro de Pesquisa, a revista científica passará a ser realmente um instrumento de trabalho, em função daquilo que ela pode revelar, em função da informação que ela pode carregar.

O meio revista tem também a facilidade de poder ser explorado de forma bastante racional. Ela pode trazer a comprovação de tudo aquilo que ela informa, de tudo aquilo que ela publica. Porque ela tem duas possibilidades bem grandes em relação a essa finalidade. Em primeiro, o espaço: você tem normalmente, na revista científica, o espaço necessário para você poder produzir a sua matéria. Em segundo, você tem a durabilidade do meio revista: é um meio que dura uma eternidade. Você pode consultar a revista sempre que necessário. Então, a idéia de se analisar o meio revista como o meio adequado, como tribuna adequada para a manifestação científica, parece-me um ponto pacífico: realmente é o meio mais adequado. Nós não teríamos basicamente outros meios que pudessem trabalhar com a profundidade necessária nesse sentido. O segundo, em relação à revista *Integração*, parece que ela está caminhando para ser uma revista com um tipo de manifestação talvez um pouco mais técnica, um pouco mais científica, no sentido de produzir, de revelar a produção, de dar continuidade a essa produção, até em termos de ser um meio de consulta adequado para isso.

Algumas outras questões se colocam, e eu tinha também como tema analisar as revistas da SBPC, a revista *Ciência e Cultura*, a revista *Ciência Hoje*, o *Jornal Ciência Hoje*, o que a gente percebe é que elas também se transformam em meios críticos da realidade, sempre voltados, evidentemente, para a produção científica. Tanto a revista *Ciência e Cultura*, como a *Ciência Hoje* e o *Jornal Ciência Hoje* trazem uma postura política dos pesquisadores, dos cientistas, em relação a uma série de acontecimentos científicos atuais. Por exemplo, a questão da implantação de novas tecnologias na indústria ou em todos os meios de produção, vem ocasionando um desemprego em massa mais ou menos assustador no país, hoje. Então encontramos nos últimos números da revista, e do jornal, uma série de artigos nesse sentido. É claro que

eles são sempre artigos embasados naquela tecnologia implantada ou naquela manifestação científica implantada e que está ocasionando isso. Então, a crítica parte sempre de uma realidade científica ou tecnológica que foi implantada e que foi desenvolvida, as conseqüências que ela pode trazer em termos de benefício da população ou do desenvolvimento do país, etc., e a crítica imediata em relação àquilo que ela também pode ocasionar se não for utilizada até de uma maneira politicamente correta. Existe uma preocupação muito grande nas revistas da SBPC, e me parece que é uma preocupação da SBPC como entidade, também. Ela tem essa postura mais politizada, mais crítica.

É claro que tudo isso também tem a ver, como o Pedro colocou, com a linha editorial da revista. Ou seja, a linha editorial dita essa postura crítica. A linha editorial é um negócio meio sério, porque ela tem uma função, às vezes, de policiar também o conteúdo publicado pela revista, na relação imediata ao conteúdo e à manifestação do conteúdo que será publicado. A linha editorial dita mais ou menos a linha de transmissão do conteúdo, e é claro que esse conteúdo pode ser filtrado, de uma certa forma.

Eu tenho, também, como tema a questão da necessidade de um jornalista responsável para a edição de uma revista científica. Parece-me que a legislação não abrange revistas científicas. Aliás, essa questão de jornalista responsável é a seguinte: É uma espécie também de postura em relação a uma espécie de reserva de mercado e meio corporativista. É, inegavelmente, uma conquista dos jornalistas, mas que se refere basicamente àquilo que vai ser comercializado em forma de meio impresso, ou seja, ao jornal e à revista comercial. Ele não abrange a revista científica. É uma questão um pouco delicada, para ser discutida, em função de envolver toda essa questão política da reserva de mercado, do corporativismo, mas parece-me meio inadequado que um jornalista seja responsável por uma publicação basicamente científica e que envolveria um conhecimento que ele, evidentemente, não tem. Uma revista que fosse publicar qualquer tipo de desenvolvimento de pesquisa, desenvolvimento científico na área de física nuclear, por exemplo, dificilmente encontraria um jornalista em condições de assumir a responsabilidade por aquilo que está sendo publicado. Na verdade, a coisa é colocada de uma forma ética: o jornalista assume a responsabilidade pela linha ética da revista, da publicação. Então, um jornalista assumir eticamente a publicação de uma pesquisa científica da qual ele não tem domínio, não tem conhecimento, parece-me realmente inadequado e não pertinente ao conteúdo, à questão que se coloca da revista científica.

A revista, como meio, tem algumas coisas bastante interessantes em relação à publicação científica. A idéia da revista publicando matérias voltadas para o desenvolvimento do conhecimento, abriu uma possibilidade comercial muito grande. Nós temos hoje no país 23 títulos voltados, basicamente, para a cultura e conhecimento. São revistas publicadas pelas editoras Abril, Bloch, Nova Ciência, etc., que trazem artigos de interesse científico, artigos sobre pesquisa, sobre desenvolvimentos tecnológicos e científicos, mas diluídas

na sua forma de expressão. Elas têm uma finalidade muito mais comercial, de serem comercializadas como assuntos de interesse de consumo. Este tipo de publicação está sujeito a uma crítica mais ou menos séria: ela dilui muito a informação científica, e, mais do que isso, sua linha editorial é desenvolvida, voltada para uma função mercadológica da publicação, voltada para a venda, para o lucro, etc. Esses títulos fogem bastante da idéia que estamos discutindo, que é a idéia da revista científica. A revista científica revela, basicamente, a pesquisa, a especulação e o desenvolvimento de novas tecnologias, de novos conhecimentos em diversas áreas, e tem a finalidade, basicamente, de dar continuidade, de proporcionar um meio de consulta que dê continuidade a esse tipo de desenvolvimento.

Era isso o que eu queria colocar. Eu tinha preparado alguma coisa que deixei de lado, a fim de não invadir a área do Daniel, que se referirá ao financiamento da revista científica; acho que aí se envolve também a discussão de todo o financiamento da pesquisa científica no país. Nós não temos esse costume, e me parece que existem já algumas tentativas que tiveram algum êxito no relacionar aquilo que a faculdade desenvolve e pode desenvolver com aquilo que seria o mercado. Eu estou tentando me policiar para não utilizar termos mercadológicos, utilizados diariamente no meu trabalho, na minha atividade, mas trata-se da idéia de aproximar a faculdade com o mercado, realmente. Parece-me que a Universidade de São Carlos tem uma experiência bastante interessante nesse sentido que é a integração da universidade com várias empresas existentes no mercado e que chegam ao ponto de terem desenvolvido, se não me engano, um protótipo de helicóptero produzido totalmente dentro da universidade, e que provavelmente passe a ser fabricado por uma empresa. Isso também é um questão que deve ser discutida, porque me parece que a partir daí é que vamos conseguir financiamentos para a pesquisa e para que tenhamos a possibilidade de revelar toda essa atividade de pesquisa e meios, como a revista científica. No desenvolvimento do debate, poderemos retornar à questão.

* * * * *

AMF: Eu gostaria de lembrar aos presentes que essa reunião continua no dia 19, com uma sessão de debate entre os palestrantes e respostas a perguntas que surgirem da platéia. As perguntas já elaboradas podem ser entregues à mesa. Eu lembraria também que na próxima reunião estará entre nós o professor Clóvis de Barros Filho, doutor pela Universidade de Navarra, e que no momento foi convidado para uma palestra na Universidade de Navarra. Parece-me que a especialidade dele é Ética da Comunicação e, portanto, se alguém tiver alguma dúvida a aspectos relacionados e quiser apresentar o questionamento hoje, nós o encaminharemos ao professor Clóvis.

A seguir, teremos a palavra do professor Daniel Galindo.